



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS - RIO CLARO



LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

JULIANE MARCHIORI DOS REIS

**A CONTRIBUIÇÃO DOS FILMES NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES**

A large, abstract geometric pattern in the bottom half of the page, consisting of overlapping light blue and white shapes that form a complex, crystalline structure.

Rio Claro
2015

JULIANE MARCHIORI DOS REIS

**A CONTRIBUIÇÃO DOS FILMES NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Laura Noemi Chaluh

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Rio Claro
2015

370.71 Reis, Juliane Marchiori dos
R375c A contribuição dos filmes na formação de professores /
Juliane Marchiori dos Reis. - Rio Claro, 2015
49 f. : il., figs.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia)
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
Rio Claro

Orientador: Laura Noemi Chaluh

1. Professores - Formação. 2. Mídia. 3. Educação. I.
Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por ser minha base, o sentido da minha vida.

Agradeço a meus pais Luiz e Celi pela força, pelo incentivo, pelo amor e dedicação, e principalmente por serem meu maior exemplo. Amo vocês!

A meu namorado Márcio, por sua dedicação, seu companheirismo, seu amor e por seu incentivo desde o começo dessa caminhada.

A todos da minha família e aos meus grandes amigos, em especial por aqueles que me apoiaram e que intercederam por mim durante esses anos.

A minha orientadora e inspiradora Laura Noemi Chaluh, por ter me acolhido com tanto amor.

Agradeço à minha amiga e companheira de quarto Rafaela, que dividiu comigo não só o cômodo de uma casa, mas o período mais marcante da minha vida. Obrigada por seu carinho, sua atenção, suas broncas, enfim, por tudo!

Agradeço às amigas que fiz durante esses quatro anos, em especial à Monise, Mariana B. e Thainara.

Agradeço a todos que participaram do projeto de extensão “Grupo de Formação: Diálogo e alteridade”, por suas contribuições e pelo acolhimento.

Agradeço com muito carinho a todas as professoras coordenadoras, coordenadoras pedagógicas e vice-diretoras que fizeram parte do curso de extensão “Escola: espaço de formação de professores”, em especial àquelas que disponibilizaram seus escritos para que esse trabalho fosse realizado.

A todos, meus sinceros agradecimentos!

RESUMO

Particpei do projeto de extensão “Grupo de Formação: Diálogo e Alteridade”, constituído por graduandos do curso de Pedagogia. Esse projeto está articulado a um curso de extensão, oferecido para professoras coordenadoras, vice-diretoras e coordenadoras pedagógicas do município de Rio Claro, e do qual também participam os graduandos. O curso, ao longo de dois anos (2011-2012), teve a pretensão de promover a sensibilização do olhar através do uso dos filmes. Em virtude das experiências vividas durante o curso e da grande presença das tecnologias em nossa sociedade, a presente pesquisa objetivou compreender quais as contribuições das mídias e dos filmes no ambiente escolar, tanto em relação ao trabalho pedagógico com os alunos como nos processos de formação continuada de professores e gestores. A partir de uma pesquisa bibliográfica realizada nos Anais da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) e do ENDIPE (Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino) sistematizei a produção científica que trata dos filmes no contexto educacional. Na busca por compreender quais as contribuições dos filmes para a formação das educadoras que participaram do referido curso, foi desenvolvida uma pesquisa documental a partir dos registros da pesquisadora e das escritas produzidas pelas participantes do referido curso. A pesquisa pretende contribuir para a ampliação e socialização das produções científicas acerca da temática.

Palavras chave: Filmes. Mídia. Formação de professores. Educação.

SUMÁRIO

Introdução.....	5
Capítulo 1 - Tecnologias e mídias no ambiente escolar.....	8
Capítulo 2 – Reflexões acerca do uso dos filmes no ambiente escolar	15
Capítulo 3 - Experiência com o uso dos filmes em um curso de formação de professores	22
3.1. O curso.....	22
3.2. Escritas das participantes.....	25
Considerações finais	40
Referências	43

Introdução

A proposta dessa pesquisa surgiu a partir de minha participação no curso de extensão “Escola: espaço de formação de professores”¹ nos anos de 2012 e 2013, que esteve articulado ao projeto de extensão “Grupo de Formação: Diálogo e Alteridade” do qual faço parte desde 2011. Ambos foram oferecidos no contexto do Departamento de Educação da UNESP de Rio Claro e coordenados pela orientadora desse trabalho Prof^a. Dr^a. Laura Noemi Chaluh.

Participaram do curso professoras coordenadoras, vice-diretoras e coordenadoras pedagógicas do município de Rio Claro, contando também com a presença de alunos de Licenciatura Plena em Pedagogia que faziam parte do projeto de extensão. Durante esses dois anos, o foco do curso foi promover a sensibilização do olhar das participantes diante dos acontecimentos cotidianos da escola, através do uso dos filmes, vídeos e documentários.

Paralelamente à minha participação no projeto de extensão e no curso, ao longo desses anos desenvolvi uma pesquisa de Iniciação Científica² com o auxílio do CNPq (2012-2014) que também teve como foco os filmes e sua contribuição no ambiente escolar, visando ampliar e sistematizar a produção científica acerca dessa temática. Dessa forma, minha pesquisa e o curso acabaram se complementando, onde um trazia as discussões teóricas sobre o uso dos filmes no ambiente escolar, e o outro demonstrava na prática e nas discussões teóricas o quanto esse recurso estava contribuindo para promover reflexões e sensibilizações durante os encontros.

O presente trabalho compreende uma abordagem qualitativa, que para Bogdan e Biklen (1994) deve possuir cinco características essenciais:

A investigação qualitativa tem na sua essência, cinco características: (1) a fonte directa dos dados é o ambiente natural e o investigador é o principal agente na recolha desses mesmos dados; (2) os dados que o investigador recolhe são essencialmente de carácter descritivo; (3) os investigadores que utilizam metodologias qualitativas interessam-se mais pelo processo em si do que propriamente pelos resultados; (4) a análise dos dados é feita de forma indutiva; e (5) o investigador interessa-se, acima de tudo, por tentar compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.68).

¹ O curso esteve vinculado ao Programa do Núcleo de Ensino "Educar o olhar: filmes na formação de professores e alunos" e que recebeu auxílio da ProGrad coordenado pela orientadora desta pesquisa.

²O referido projeto de pesquisa foi coordenado pela orientadora deste trabalho e recebeu auxílio do Programa do Núcleo de Ensino (ProGrad/UNESP).

Dentro da abordagem qualitativa, utilizarei a pesquisa bibliográfica e documental por se enquadrarem melhor ao tema proposto. A diferença entre a pesquisa documental e a bibliográfica é a natureza das fontes. A primeira utiliza fontes primárias, que ainda não foram analisadas, e a segunda utiliza fontes secundárias, ou seja, utiliza as contribuições de outros autores (GONSALVES, 2007).

A escolha da pesquisa bibliográfica se deu devido à necessidade de fontes confiáveis que pudessem sustentar e fundamentar as discussões apresentadas durante a pesquisa, visando atingir os objetivos estabelecidos. Em relação à pesquisa bibliográfica Gil (1991, p. 48) aponta que esta “[...] é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

A pesquisa bibliográfica foi realizada nos Anais da ANPEd (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) entre os anos 2000 e 2012, e nos Anais do ENDIPE (Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino), nos anos de 2004 a 2012.

Para localizar os artigos da ANPEd, realizei minha busca nas Reuniões Científicas Nacionais no período de 2000 a 2012, que iam da 23ª reunião anual até a 35ª reunião anual. Em cada uma das reuniões anuais, procurava a seção que apresentava os trabalhos e pôsteres e procurava em todos os Grupos de Trabalho artigos que falassem sobre a temática dos filmes e das mídias na escola. Já para localizar os artigos do ENDIPE entre os anos de 2004 a 2012, consultava as sessões de pôsteres e painéis com as palavras-chave: filmes, mídias, tecnologias, vídeo e cinema, quando estas se relacionavam com o tema educacional no título do trabalho.

Dessa forma, foi possível localizar nos Anais da ANPEd 32 trabalhos que tratavam da relação entre a mídia, tecnologia e filmes e a educação, contudo, destes 8 foram selecionados para esse trabalho por trazerem contribuições pertinentes ao tema. Já nos Anais do ENDIPE, foram encontrados 74 trabalhos, sendo que 36 acabaram sendo utilizados nessa pesquisa.

Já para demonstrar o quanto as tecnologias, mídias e filmes podem contribuir na área educacional, irei apresentar as experiências vivenciadas no curso de extensão, utilizando as escritas que foram realizadas pelas participantes durante o curso, fato que caracteriza essa pesquisa também como documental. De acordo com Gonsalves (2007) “[...] documento corresponde a uma informação organizada sistematicamente, comunicada de diferentes maneiras (oral, escrita, visual ou gestualmente) e registrada em material durável” (p.

37). Segundo Gil (1991, p. 46): “Como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica”.

Em virtude desse tema ser atual, pois as tecnologias, as mídias e os filmes estão cada vez mais presentes no nosso dia a dia e, dessa forma, influenciar o trabalho do professor e de toda a escola, acredito ser relevante trazer discussões acerca da temática buscando compreendê-la de maneira mais profunda, além de demonstrar através das escritas das participantes do curso de extensão o quanto esses recursos podem adentrar no universo educacional e trazer contribuições tanto para alunos quanto para professores. Diante disso, a principal questão desse trabalho é compreender de que forma os filmes podem contribuir no cenário educacional.

Assim, o objetivo geral é sistematizar e socializar a produção científica que trata sobre o uso dos filmes no ambiente escolar. Os objetivos específicos deste trabalho são:

- Compreender as contribuições trazidas pelos filmes no ambiente escolar;
- Explicitar de que forma as imagens favoreceram o processo formativo das educadoras que participaram do curso de extensão.

Como em minha pesquisa, muitos dos trabalhos encontrados tratavam sobre o uso das tecnologias e das mídias na escola, apresento no Capítulo 1 quais as discussões e reflexões feitas pelos autores sobre essa temática, fato que também contribui para pensar nos desafios, mas também na necessidade da inclusão desses recursos no ambiente escolar.

No Capítulo 2 trago as discussões teóricas especificamente acerca dos filmes, de seu uso no ambiente escolar, suas possibilidades enquanto recurso pedagógico, mas também alertando para a importância de uma reflexão crítica em relação ao que está sendo assistido, colocando a escola e o professor como mediadores nesse processo.

No Capítulo 3 apresento as contribuições do uso dos filmes, vídeos e documentários durante o referido curso de extensão, utilizando algumas das escritas produzidas pelas participantes, através do qual se pode perceber o quanto o curso foi significativo para elas, e de que forma os filmes influenciaram nesse processo de sensibilização do olhar, e contribuíram para sua prática.

Capítulo 1 - Tecnologias e mídias no ambiente escolar

Atualmente vivemos sob um “bombardeio” midiático e tecnológico, que estão cada vez mais, fazendo parte de nosso cotidiano e influenciando nas mais diversas esferas sociais, inclusive no ambiente escolar. Percebe-se desde os materiais dos alunos, até suas próprias brincadeiras o quanto as imagens midiáticas se fazem presentes nesse espaço. Sabat (2002) destaca que “[...] a proliferação de imagens chega ao sistema educacional através das mais diferentes formas, sendo que uma das mais eficientes se dá por meio das personagens criadas para desenhos e filmes infantis de animação” (p. 9). Nesse sentido Munarim (2007) aponta que “[...] as crianças apropriam-se do que vêem na TV a partir de muitas mediações, entre elas as conversas entre amigos e familiares, caracterizadas por momentos, cenários, negociações que transcendem a tela da TV” (p. 8).

Accioly (2005) destaca que atualmente, o problema não é a presença ou não da mídia na escola, mas sim como esta é utilizada, pois da mesma forma que pode servir como um recurso auxiliar pode ser usado também apenas para preencher horários vagos. Além disso, a autora ressalta que a televisão pode trazer uma grande contribuição para as relações estabelecidas dentro do ambiente escolar, já que esta

[...] pode contribuir para estreitar a diferença que existe entre o professor e o aluno deixando este mais próximo da escola e esta mais perto do aluno. [...] Incluir a televisão na sala de aula, em todas as áreas e níveis de ensino, não para aumentar o seu consumo, mas para melhorar o processo de ensino-aprendizagem, pode ser uma alternativa de ensino-aprendizagem (ACCIOLY, 2005, p.1).

Diante dessa realidade a escola se encontra frente a esse desafio, incorporar as novas tecnologias e as mídias e usá-las a seu favor e de seus alunos, pois

[...] uma escola que vise gerar inovação na educação não poderia furtar-se à inclusão dessas tecnologias. Esta inserção é justificável pela sua forte presença no nosso cotidiano, tornando-se necessária a sua utilização pelas mudanças significativas que traz ao ambiente escolar. Elas interferem no nosso aprendizado, processos cognitivos, apreensões e percepções do mundo, vindo dessa forma a dinamizar o ensino e promover a aprendizagem tanto de alunos como de professores (MONTES; SILVA; LEITE, 2004, p. 4637).

No entanto, faz-se “[...] necessário desmistificar as novas linguagens dos meios de comunicação e das tecnologias, colocando-as a serviço da escola [...]” (SANTOS, 2010, p. 6). Diante disso, “[...] percebemos a tecnologia como um elemento importante para a educação, desde que esteja aliada aos saberes do aluno e ao contexto da instituição de ensino” (GARCEZ, 2008, p. 2). Além disso, não é só a inserção das tecnologias que irá inovar as práticas escolares, afinal

[...] é preciso ter clareza que essa simples introdução de tecnologias na sala de aula não resulta necessariamente em novas práticas pedagógicas, pois é possível utilizar todos os equipamentos eletrônicos e não incorporar nada de novo no processo de ensino-aprendizagem (SANTOS, 2010, p. 7).

Nesse mesmo sentido, Torres e Cavalcante (2010) complementam essa afirmação, apontando que “[...] As novas tecnologias têm muito a contribuir, mas como qualquer outro recurso didático, não terá bons resultados se forem mal utilizadas. O sucesso de um instrumento depende do uso que se faz dele” (p. 4).

Dessa forma, Moraes (2012) destaca que é crucial para as escolas saberem mais sobre os usos das tecnologias, para poder “[...] aproveitar ao máximo as possibilidades comunicacionais e pedagógicas proporcionadas pelas mídias em ambientes de aprendizagens” (p. 6), já que “As tecnologias permitem que façamos muito melhor o que já fazemos” (p. 11).

Além disso, a autora apresenta contribuições das tecnologias na área da educação:

As tecnologias se apresentam como importantes ferramentas e ou instrumentos capazes de proporcionar: significativas mudanças na educação; novas formas de ensinar e de aprender; diversas possibilidades de desenvolvimento de prática pedagógica inovadora; aplicação de metodologias que favoreçam o acesso e busca de informações e novos conhecimentos; realização de atividades intelectuais e coletivas com uso de diferentes linguagens, a saber, oral, escrita e digital; elaboração de atividades pedagógicas e materiais didáticos, entre outros (MORAES, 2012, p. 5).

No mesmo sentido, Queiroz e Vidal (2006) apontam o propósito da utilização das tecnologias no meio educacional: “[...] facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Todavia, cabe aos educadores, avaliar, projetar, e medir a entrada das mesmas na escola, e especificar a melhor forma dos artefatos tecnológicos serem absorvidos à prática docente” (p. 4). Dessa forma, o professor se torna responsável em possibilitar o contato dos alunos com as

tecnologias, assumindo “[...] a função de mediador e não apenas de transmissor de um conhecimento” (CHAMPANGNATTE, 2010, p. 2).

Essa responsabilidade por parte do professor em relação ao uso das tecnologias e das mídias na escola é essencial, pois “[...] Num contexto social dominado pelas imagens, torna-se necessário que os educadores considerem as possibilidades educativas das linguagens artísticas, promovendo a educação crítica do olhar” (GIL, 2008, p. 5). Dessa forma, percebe-se que

A escola possui, portanto, um papel fundamental como espaço de problematização das mensagens midiáticas, apresentando-se como local em que os discursos veiculados podem ganhar outros significados, podendo ser superados ou, ao menos, contestados (CAMURRA; TERUYA, 2010, p. 33).

Isso demonstra que mesmo possuindo aspectos positivos, as tecnologias e as mídias devem ser olhadas de maneira crítica por estarem carregadas de significados, aumentando ainda mais a responsabilidade da escola em utilizar esses recursos para promover e possibilitar aos alunos uma reflexão sobre seu uso. Por isso,

A aproximação da escola, com o mundo da informação e comunicação, faz-se necessário, pois para muitos alunos de escolas públicas, a escola passa a ser o único local que lhe possibilita o contato crítico com a comunicação. Parto do princípio, que o papel da escola não se restringe apenas à transmissão bem sucedida dos conteúdos curriculares, mas como instituição responsável pela educação da criança e do adolescente de forma global em seu contexto. É papel do professor, ser mediador entre as informações contidas na mídia e o processo de ressignificação dessas idéias (OLIVEIRA; SILVA, 2004, p. 6483-6484).

Destaca-se também a importância do olhar crítico em relação às mídias em virtude das crianças serem fortemente influenciadas por esse meio, afinal

[...] Diante do impacto dessa tecnologia, podemos afirmar que os indivíduos mais vulneráveis neste mundo da mídia globalizada são as crianças. A televisão como meio de comunicação de massa, dita moda, novas linguagens, estilos e uma forma particular de ver o mundo, fazendo de crianças, consumidoras em potencial [...] (OLIVEIRA; SILVA, 2004, p. 6475).

Montes, Silva e Leite (2004) apontam que “Com base em nossa experiência de sala de aula e no conhecimento de nossos alunos, entendemos que o estudante já chega à sala de aula com capacidade de ler imagens, mesmo que esta leitura seja personalizada, e nem sempre crítica” (p. 4636), o que alerta ainda mais para a necessidade da reflexão crítica sobre essa leitura realizada pelas crianças, pois muitas vezes

[...] apenas é dada a possibilidade de assistir ao que é exibido sem ao menos analisar os fatos ou o que está subentendido em ações e falas dos personagens, levando para seu imaginário apenas o paradigma que cada obra se propõe a discutir, não fazendo uma leitura crítica do que é exposto, muitas vezes absorvendo o que a sociedade coloca como padrão de normalidade (KLAEGEN, 2006, p. 1).

Além das crianças serem influenciadas pelas mídias, Cordeiro (2004) aponta que a “[...] chamada *cultura da mídia* redefine as próprias concepções de currículo e de pedagogia e instaura novas relações das crianças com o mundo [...]” (p. 2513). Nesse sentido, Feldkercher (2010) destaca que “[...] Nossos alunos estão preferindo navegar na internet, jogar games do que ir para a escola. O que falta a nós professores é compreender como a internet, os games e outras tecnologias podem contribuir em nossas aulas, fazer a diferença, cativar os alunos” (p. 2).

Mesmo sem perceber, muitas vezes os professores já utilizam direta, ou indiretamente os recursos tecnológicos, pois

O professor é um sujeito que utiliza e apropria das diversas tecnologias presentes em seu contexto. Ainda que não as incorpore de forma direta no interior da sala de aula, é provável que muitos dos saberes advindos dessas tecnologias sejam trazidos para a sua prática, talvez de forma indireta (ALLAIN et al., 2006, p. 2).

Este tipo de inovação para o professor pode, muitas vezes, não ser uma tarefa fácil, principalmente para aqueles que ainda não dominam o uso das mídias e das tecnologias, fazendo com que

[...] enquanto o ensino discursa pelo âmbito do livro, o professor se sente forte, mas quando o mundo da imagem aparece, o professor perde o prumo, seu terreno se move, o aluno sabe mais e, sobretudo maneja melhor a linguagem da imagem do que o próprio professor [...] (BARBERO, 1999, p. 29-30 apud MONTES; SILVA; LEITE, 2004, p. 4633).

Além disso, “Sabemos que a maior parte dos professores tem dificuldades em modificar suas práticas didáticas. E o uso das tecnologias digitais, nesse contexto, corresponde a uma ação que causa desconforto ao docente [...]” (ROCHA et al., 2008, p. 2). No entanto, é importante ressaltar que

Não é que os professores, necessariamente, estejam à margem do desenvolvimento tecnológico (na maioria dos casos, eles fazem uso das tecnologias regularmente em suas atividades pessoais e de pesquisa), mas a própria área educacional demora a incorporar novas formas metodológicas de ensino e, conseqüentemente, não proporciona ou não estimula os professores a utilizarem essas inovações em suas aulas (TOZETTO; MATOS, 2008, p. 2).

Cabe então ao professor e às escolas se esforçarem no sentido de incorporar o uso das mídias e das tecnologias, mesmo que essas gerem “[...] contradições, responsabilidades e preocupações especialmente no que se refere à sua utilização no processo de ensino-aprendizagem [...]” (ROCHA, 2008, p. 4). Para que isso ocorra é essencial que a escola disponha de condições para a utilização das tecnologias, pois

Não basta que os recursos materiais estejam disponíveis a todas as unidades educacionais, é imperativo que aos educadores e, conseqüentemente aos seus alunos, sejam dadas condições de utilização desses equipamentos de forma a permitir a ampliação das possibilidades educacionais e culturais como se pretende com a educação (MACHADO, J., 2006, p. 4).

Infelizmente é comum que a maioria das escolas possua dificuldades quando o assunto é tecnologia. Um exemplo disso são os laboratórios de informática, onde “[...] A maioria de nossas escolas está ligada à rede apenas para serviços burocráticos e as salas com computadores são subutilizadas, principalmente, por falta das condições estruturais para o seu uso pedagógico adequado” (GARCIA, 2006, p. 4). Isso não acontece apenas com os laboratórios, mas também com as salas de vídeo. Através disso, “[...] Vemos, sem sombra de dúvida, que a escola ainda não se integrou com esses sistemas de informações, no seu dia-a-dia [...]” (MENDONÇA; INFORSATO, 2004, p. 568), sendo esse um grande desafio para as escolas atualmente.

Walker e Teruya (2010) trazem em seu artigo uma pesquisa realizada com futuros pedagogos questionando sobre a tecnologia, e como ela afeta o mundo do trabalho e da

educação. Durante a pesquisa percebeu-se que “[...] A maioria das respostas dos entrevistados indica a tecnologia como uma aliada do professor, seja para tornar as aulas mais atrativas com recursos midiáticos, com equipamentos de informática, com o uso de filmes, da televisão [...]” (WALKER; TERUYA, 2010, p. 11). No entanto, os entrevistados também apontam que a tecnologia pode afetar negativamente se não estiver presente na escola, por isso é necessário

[...] incluir nas instituições formadoras de professores, espaços de discussão, reflexão sobre uma nova maneira de ensinar, com a ampliação dos espaços de ensino e aprendizagem, que levem os futuros professores a terem competência para organizar e gerenciar as atividades didáticas em diferentes espaços [...] (WALKER; TERUYA, 2010, p. 11).

Percebe-se então a importância da inclusão das tecnologias nos cursos de formação de professores e nas graduações, já que “[...] Para atender essas exigências de implantação de tecnologias nas escolas, a formação do professor é um requisito indispensável” (SANTOS, 2010, p. 13).

Segundo Trainotti, Mendes e Martins (2004) “[...] Na última década, houve um incremento na utilização de recursos informáticos nos meios acadêmicos, abrindo espaços educativos que têm provocado professores e alunos a assumirem uma nova postura pedagógica na interação com esses” (p. 3309). Ao utilizar as tecnologias durante a formação, os professores passam a ter um maior contato com esses recursos, e percebendo as possibilidades a partir de seu uso. Mesmo assim,

[...] é importante que o currículo e a prática pedagógica dos(as) formadores(as) em nível superior de ensino contemplem temas da atualidade e incluam principalmente a utilização das novas tecnologias e afins, no planejamento e desenvolvimento de atividades ao longo do período de formação. Atividades pedagógicas nas quais os(as) alunos(as) em formação, na condição de futuros(as) professores(as), possam, de fato, apropriar-se desses conhecimentos, culminando na posterior transposição didática em escolas de educação básica (DIAS, 2008, p. 2).

Dessa forma, fica claro que além da necessidade da inclusão das tecnologias e das mídias no ambiente escolar, é preciso que os professores estejam preparados para utilizar esses recursos, tendo conhecimento sobre as questões técnicas, mas também sobre as possibilidades que eles trazem para o contexto educacional, por isso

É necessário e urgente acordar a educação e os educadores para o novo, para a interatividade e para as mídias, podendo assim, novamente obter o poder sobre seus educandos, não no sentido de controlar e punir, mas um poder de tornar a sala de aula um ambiente mais prazeroso para todos os envolvidos no processo de ensinar e aprender (WEYMAR; WEYMAR, 2010, P. 29).

Percebe-se a importância e ao mesmo tempo os desafios ainda presentes para que as tecnologias e as mídias possam realmente ser utilizadas nas escolas, de maneira que tragam contribuições para a aprendizagem dos alunos e dos professores, apontando também para a necessidade de uma formação que contemple esses assuntos e auxilie os professores e até mesmo a escola nesse processo.

Capítulo 2 – Reflexões acerca do uso dos filmes no ambiente escolar

Diante do exposto no capítulo anterior, focarei nesse capítulo sobre o uso dos filmes, no ambiente escolar, apresentando como esse recurso em específico pode trazer contribuições no trabalho com os alunos e também na formação de professores, pois “No contexto atual, ver filmes é tão fundamental para a formação quanto ler livros, ir a museus e freqüentar concertos” (DUARTE, 2008, p. 11). Patroclo e Gouvêa (2010) destacam que

Os séculos XX e o início do XXI foram marcados pela popularização dos meios de comunicação de massa como: o cinema, a televisão e a internet [...] Neste período as sociedades vivenciaram uma verdadeira Revolução Imagética, na qual as imagens passaram a estar presentes em todos os lugares, como nos anúncios publicitários, nos filmes, nos celulares, entre outros (PATROCLO; GOUVÊA, 2010, p. 25).

Como os autores apontam, essas tecnologias se tornaram presentes em todos os lugares, inclusive na área educacional, acontecendo de duas formas: “[...] Primeiro, através dos alunos que trouxeram, para o cotidiano da sala de aula, temas provenientes dos meios de comunicação de massa. Em seguida, por meio da utilização de aparatos técnicos como a televisão, o vídeo e o computador; nas práticas de ensino” (PATROCLO; GOUVÊA, 2010, p. 25).

Em relação ao seu uso na escola, Guimarães (2000) assinala que “Trabalhar os filmes em sala de aula é trazer imagens que reativem uma memória criativa, labiríntica, aberta a múltiplas possibilidades” (p. 5). Percebe-se que é essencial que as escolas façam uso dos filmes em suas atividades pedagógicas, já que este oferece uma ampla gama de possibilidades. Além disso, “[...] Para muitos estudiosos da arte na educação, um dos grandes papéis a desenvolver é ampliar o repertório de nossas crianças, repertório que na vida cotidiana encontra-se limitado ao que a televisão e outras mídias de publicidade produzem” (MACHADO, A., 2006, p. 3). Dessa forma, vemos a importância da escola possibilitar esse contato entre os alunos e os mais variados filmes, pois “Acreditamos que a escola, para um número significativo de alunos – crianças, jovens e até mesmo adultos – é provavelmente o único espaço de acesso à arte e a cultura, para além da televisão” (RODRIGUES; DEÁK, 2010, p. 9). Para isso, é fundamental que a escola saia

[...] de seu estado de inércia, de degradação, de prisão e “quebrar as armadilhas” que impedem a possibilidade de se ter momentos de aprendizagens prazerosas, buscar na cultura, bem como no cinema, o espaço para tornar o ensino algo inovador e significativo na vida do estudante (NETO, 2008, p. 5).

Diante disso, é essencial para a escola se apropriar do uso dos filmes em suas atividades pedagógicas, afinal “As produções cinematográficas contêm marcas que definem modos de ser e de ver o mundo e, mesmo que não seja a proposta da escola, circulam intensamente entre as crianças [...]” (OLIVEIRA; FABRIS, 2004, p. 2237).

Fantin (2003) destaca sobre as reações que as crianças apresentam em relação aos filmes, e como isso pode ser rico se olharmos com mais atenção, pois são atitudes carregadas de significados e sentimentos, permitindo um entendimento maior em relação aos alunos e suas atitudes:

Prestar mais atenção nas relações das crianças com os filmes, nos dá a possibilidade de entender seus olhares e suas reações frente aos filmes: quando elas acabam de assistir e querem ser seus personagens; quando ficam dias e dias brincando do que viram; quando falam, conversam e discutem sobre o filme; quando cuidam, abraçam e beijam a fita de vídeo. Enfim, é fascinante ter a possibilidade de compartilhar tais reações, pois cinema é emoção e o desafio é entender tais emoções com novas informações, mesmo sabendo de seu uso aberto e incerto e de não saber o uso que dele vai ser feito (FANTIN,2003, p.10).

Neste mesmo sentido, Oliveira e Fabris (2004), complementam que “[...] Filmes podem ser utilizados como passatempo e devem fazer parte do currículo da escola; no entanto, além de nos divertirmos com eles, precisamos estar atentos para o que eles estão ensinando a nós e às nossas crianças” (p. 2238).

É claro que assistir a um filme na escola é diferente de assistir a um filme no cinema ou em casa, pois, segundo Fantin (2003), “as mediações serão outras, até mesmo porque não cabe à escola repetir experiências que a crianças vivenciam fora dela” (p. 8). Quando assistido na escola, deve haver uma intencionalidade ao apresentar às crianças determinados filmes, pois mesmo que seja de forma involuntária, o filme irá produzir diversos significados para as crianças, e é importante que isso seja trabalhado pela escola.

Diante disso, pode-se perceber a importância da escola proporcionar momentos onde as crianças possam refletir sobre o que foi assistido, pois “[...] O cinema é um universo

mediático propagador de idéias políticas, econômicas e sociais, um veículo eficaz no processo de massificação e consolidação de ideologias que se sustentam em uma lógica da aparência” (TERUYA, 2008, p. 3-4), por isso a importância de uma educação crítica proporcionada pela escola, já que

[...] essa cultura interpela e dialoga/monologa com a criança, propondo-lhe situações e quase lhe exigindo reações. No entanto, não se sabe exatamente, até hoje, como as crianças vêem ou percebem aquilo que recebem da televisão, do cinema ou de outros produtos culturais semelhantes (CORDEIRO, 2004, p. 2516).

Nesse sentido, Klaegen (2006) também traz sua contribuição, destacando que

Os filmes infantis assistidos por todas as crianças e muito utilizado como recurso audiovisual por professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental geralmente são vistos e elaborados pelas crianças de acordo com o paradigma discutido em cada obra e cabe ao professor explorar o olhar crítico de seus alunos a fim de questionar a mensagem que está em cada filme (KLAEGEN, 2006, p. 1).

No entanto,

Ao olhar para a escola, encontramos o filme sendo trabalhado como um entretenimento, como uma complementação do tempo escolar ou, ainda, como ilustração dos conteúdos. Em todas as observações e entrevistas, não percebemos a discussão nem a problematização das imagens, das músicas e de todos os recursos utilizados pelo cinema, estimulando os alunos a fazer uma leitura crítica dos discursos presentes nesse artefato cultural (OLIVEIRA; FABRIS, 2004, p. 2237).

Essa análise crítica se torna extremamente essencial nos dias de hoje, por isso Fantin (2003) destaca que é importante saber o que as crianças pensam dessas produções, e como se relacionam com elas no espaço escolar, já que

[...] o perigo da manipulação existe quando o espectador não faz a síntese crítica, quando ele não pensa sobre o que assistiu. Nesse sentido, é vital instrumentalizar educadores e estudantes para ter essa possibilidade de crítica sem tirar o poder encantatório do cinema e sem destruir o imaginário que com ele construímos (FANTIN, 2003, p.9).

A crítica nesse caso não é apontada somente com uma conotação negativa, pelo contrário,

[...] o trabalho com a dimensão pedagógica da crítica das produções culturais tem uma função importante. O papel da crítica de cinema, além de prolongar o impacto da obra, pode fornecer meios para o espectador ter uma leitura mais rica do que ele vai ver para fruir e aproveitar melhor o filme. Possibilita referências para ultrapassar a percepção ingênua e ampliar o repertório do espectador e pode desenvolver e aguçar algumas sensibilidades para enriquecer a capacidade do olhar e da percepção (FANTIN, 2003, p.11).

Ainda assim,

Muitas vezes, em nossas unidades escolares, o uso dos textos fílmicos se faz de forma alienada. Muitos educadores iludidos com imagens e cenas comerciais provocam ainda mais o uso desta linguagem sem provocar a mínima reflexão e muitas vezes a assimilação de valores nada estéticos, a assimilação de estereótipos de gênero, a assimilação do consumo desenfreado de produtos supérfluos, a assimilação da banalização da violência e muitas vezes o “alienamento” das crianças quanto à capacidade de realizarem elaborações mais reflexivas e produzirem esteticamente a partir do cinema (MACHADO, A., 2006, p. 1).

Nesse sentido, é importante promover após o filme um espaço para socialização entre os alunos e professores, onde possam expor para a sala o que sentiram, o que pensam sobre o assunto, suas dúvidas, suas inquietações, tornando o filme ainda mais significativo para todos. Fantin (2004) destaca o papel do professor como mediador nesse momento, pois “[...] para fazer tal mediação, o educador tem um papel vital de fazer perguntas que instiguem o olhar curioso e que torne visível para o aluno o que se antes não era observável” (p. 11).

Mesmo diante da compreensão da necessidade de uma reflexão crítica acerca dos filmes que são assistidos, Machado, J. (2006) aponta que “O interessante de tudo isso é perceber que uma ação não exclui a outra. É possível vivenciar todas essas experiências ao mesmo tempo. Fazer com que o cinema seja entendido como comunicação, lazer, posicionamentos político-ideológicos, arte e educação” (p. 2).

Além do uso como ferramenta pedagógica, ou como objeto crítico, o filme também pode ser utilizado como uma produção própria dos alunos, pois de acordo com Fresquet (2008) “[...] fazer cinema na escola constitui uma possibilidade de exercício dos direitos humanos, em especial das crianças e os jovens” (p. 2). Segundo ela,

O objetivo consiste em aproximar os alunos da arte cinematográfica e dos valores que lhes são próprios, isto é, trabalho em equipe, constância, capacidade de espera, imaginação e sensibilidade. Quando realizam os filmes, os alunos devem elaborar um roteiro, planejar a filmagem, assumir tarefas, transmitir e comunicar idéias, escutar e dialogar com os outros. O

projeto visa um resultado que não se limita apenas ao filme, mas especialmente a todas as aprendizagens do processo. Na visualização de filmes, aprendem a olhar a realidade com atenção, a pensar ou intuir como dar forma às idéias, a partilhar decisões e explicar as próprias escolhas, o que, de alguma maneira, constitui uma outra forma de se relacionar com o mundo e com os outros (FRESQUET, 2008, p.9).

Além disso, Fresquet (2008) afirma que o cinema auxilia também na inclusão e participação de todos os alunos, pois,

Na experiência de fazer cinema, integram-se vários elementos (roteiro, iluminação, atores, montagem, etc.) e, em consequência, várias pessoas (cada uma com suas responsabilidades e habilidades). Com isso, cada aluno pode encontrar seu lugar, mostrar suas capacidades e descobrir virtudes e talentos que provavelmente não teria descoberto fazendo as atividades habituais da escola. Muitos deles encontram no cinema, pela primeira vez, uma linguagem e um modo de expressão dos quais não se sentem excluídos (FRESQUET, 2008, p.12).

Nesse sentido, a autora propõe que as crianças produzam curtas, ou até mesmo filmes maiores, mas destaca

[...] o cuidado de evitar tornar isto algo funcional. Em outras palavras, evitar algo freqüente nas escolas: “produzir para” mostrar na festa de fim do ano, fazer um festival de cinema na escola, etc. Fazer cinema na escola e partilhar a experiência de todos os grupos envolvidos no projeto constitui, de fato, uma experiência de aprendizagem ímpar, mas se desvirtua quando fica condicionada a um calendário escolar ou a motivos externos (FRESQUET, 2008, p.7).

Além disso, a autora dá ideias para promover um maior contato entre as crianças e os filmes, como a criação de uma DVDoteca que disponibilize filmes variados, além do uso de filmes constantes na sala de aula, principalmente disponibilizando apenas alguns trechos aos alunos, fazendo com que fiquem curiosos e busquem o filme posteriormente para assistir.

Leite (2010) traz em seu artigo experiências sobre o cinema na escola vividas por ela enquanto aluna de graduação em Pedagogia, e dentre essas práticas está a apresentação de cinema mudo, como Chaplin, durante o recreio. A autora aponta que essa proposta surgiu diante da percepção da necessidade que os alunos sentiam de dar um sentido aos filmes assistidos, procurando “[...] dar ao filme algum significado que fosse aceito dentro das disciplinas que são trabalhadas nas escolas” (LEITE, 2010, p. 28). Esse fato foi destacado por Leivas (2010), apontando que “[...] O filme pode sem dúvidas, explicitar possibilidades de

relações para o diálogo entre as disciplinas” (p. 3), e esse tipo de prática é comum nas escolas. No entanto é importante compreender que os filmes podem sim ser utilizados como complementos para os conteúdos de determinadas disciplinas, mas também é necessário que os alunos tenham a possibilidade de assistir filmes apenas por prazer, afinal

O cinema desde sua criação, em 1895, pelos irmãos Lumière, continua encantando, envolvendo, seduzindo espectadores. Ao nos dispormos a assistir um filme, somos interpelados pela “magia” do cinema, e, ao término, produzimos verdades sobre o que foi visto. Muitas vezes ao sair do cinema sentimos a necessidade de comentar o filme, e é através desses comentários que serão construídos novos significados e sentidos para esses discursos (LUVIELMO, 2010, p. 29-30).

Dessa forma, Leite (2010) enfatiza que os filmes apresentados durante o recreio ficavam livres dessas regras, e os alunos passaram a fazer suas próprias interpretações

[...] Enquanto algumas crianças passeavam pelo ambiente fingindo não ver o que seus olhos não paravam de olhar, outros se entregaram totalmente e dançavam com a cena, chegavam a ficar parados feito estátua e há ainda os que brincavam com suas sombras frente ao projetor. Em meio à farra, o contato com a arte estava selado, literalmente “fazendo arte” (LEITE, 2010, p. 29).

Além dessa prática, Leite (2010) também apresenta uma experiência de produção de filmes com os alunos, onde estes filmaram um marceneiro que trabalhava a muitos anos na escola, fazendo com que novas relações fossem estabelecidas dentro da escola, e acabando com os pré-conceitos existentes. Diante disso, a autora destaca que “[...] Crianças e adolescentes fazendo cinema pode ser uma forma de legitimar o direito delas de pensar, decidir, e expressar por si suas idéias do mundo e seus sentimentos” (LEITE, 2010, p. 31).

Outra experiência interessante a partir do uso dos filmes foi apresentada por Vasconcelos (2004) em um artigo onde relata sua experiência de utilizar vídeos no desenvolvimento de uma pesquisa com jovens, tratando sobre a relação destes com a televisão. O vídeo foi utilizado durante conversas coletivas que eram gravadas e reproduzidas no próximo encontro, para que os jovens pudessem comentar o que havia sido gravado. Para a autora, “[...] o uso do vídeo minimizou ou mesmo eliminou o constrangimento, a dissimulação dos jovens, favorecendo a espontaneidade, a fala mais descontraída” (VASCONCELOS, 2004, p. 2356). Além disso, ela aponta que os alunos possuíam uma

grande expectativa pelos encontros, sendo percebido inclusive, pelo cuidado com a aparência física antes das filmagens. Outro aspecto positivo destacado foi que

O uso do vídeo permitiu captar as nuances do processo, as emoções, as derivas da conversa, seus espaços de silêncio e tantas outras sutilezas do comportamento e da comunicação que formas mais usuais de registro, como a fotografia e o caderno de campo, não dão conta prover (VASCONCELOS, 2004, p. 2358).

Apesar da descontração possibilitada pelo vídeo, a autora cita que os encontros foram levados com seriedade, reflexão e espontaneidade. Dessa forma, os pontos fundamentais da pesquisa foram trabalhados, mas isso não impediu que novas questões surgissem e enriquecessem a pesquisa.

Patroclo e Gouvêa (2010) apresentam em seu artigo uma experiência de gravação de vídeos feita por professoras da Educação Infantil de uma escola do Rio de Janeiro, juntamente com seus alunos. Essa iniciativa se deu em virtude da constatação das professoras de que no cotidiano as crianças falavam muito sobre programas que assistiam na televisão e imitavam seus personagens favoritos. Diante disso as professoras, com o apoio de algumas parcerias, criaram uma sala multimídia, onde ficavam os instrumentos que seriam utilizados para as gravações, como câmeras, computadores e figurino, e começaram a gravar diversos vídeos, iniciando com a realização de programas que as crianças mais gostavam, e gravando também programas criados pelas professoras e pelos alunos. Através desse trabalho, foi possível a grande participação dos alunos, que se sentiram envolvidos durante todo o processo, além de fornecer às professoras a possibilidade de se formarem, tanto ao auxiliá-las na execução das atividades, como ao promover oficinas para instruir sobre o uso dessas novas tecnologias.

Conforme explicitado, o filme carrega consigo inúmeras possibilidades e também responsabilidades, além de estar presente no cotidiano da maioria das crianças e professores. Diante disso, percebe-se a necessidade e o papel da escola em articular e introduzir esta produção cultural em suas atividades cotidianas, sem se esquecer de promover momentos de reflexão sobre o que foi assistido, mas possibilitando também que seus espectadores possam se encantar, se alegrar, se emocionar, e se permitir sentir diante do que está sendo assistido.

Capítulo 3 - Experiência com o uso dos filmes em um curso de formação de professores

Reconhecendo a potencialidade dos filmes no ambiente escolar, possibilitando contribuições tanto para os alunos quanto para os professores, apresentarei nesse capítulo as experiências vividas em um curso de extensão que durante dois anos teve como objetivo sensibilizar o olhar das participantes através do uso de vídeos, filmes e documentários.

Diante disso vou analisar as produções escritas elaboradas por algumas das participantes, produções que foram chamadas por elas de “registros reflexivos”. Procuo com as análises compreender os “efeitos” provocados pelo uso desses recursos durante o curso, eo quanto essa prática auxiliou no processo de sensibilização e de reflexão sobre a própria prática. Para isso focarei nas escritas realizadas durante o ano de 2013, pois foi nesse período que a prática da escrita foi se revelando como algo potente e valioso para o grupo.

3.1. O curso

A coordenadora do projeto de extensão “Grupo de formação: diálogo e alteridade”, orientadora deste trabalho, ofereceu nos anos de 2012 e 2013 um curso de extensão no contexto do Departamento de Educação na UNESP (Rio Claro). O curso, ao longo desses dois anos estava atrelado a um projeto de pesquisa e intervenção - “Educar o olhar: filmes na formação de professores e alunos”³ - trazendo como foco a importância de “educar o olhar” de alunos e professores a partir de filmes/documentários. O curso, como já referido, foi constituído no ano de 2012 por professoras coordenadoras do Ensino Fundamental I (1º a 5º ano) e uma coordenadora pedagógica vinculada à Secretaria Municipal de Educação de Rio Claro e alunos do curso de Pedagogia da referida universidade que também participavam do projeto de extensão “Grupo de Formação: Diálogo e Alteridade”. No ano de 2013 as participantes foram professoras coordenadoras do Ensino Fundamental I (1º a 5º ano) e da educação Infantil, vice-diretoras do Ensino Fundamental I (1º a 5º ano) e da Educação Infantil, duas coordenadoras pedagógicas vinculadas à Secretaria Municipal de Educação de Rio Claro e alunos do curso de Pedagogia. Dentre os alunos da graduação que faziam parte do curso, aqueles que eram bolsistas do Núcleo de Ensino, além de participar dos nossos

³Projeto vinculado ao Programa do Núcleo de Ensino e que recebe auxílio da ProGrad. Ressalto que a pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa e os sujeitos da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

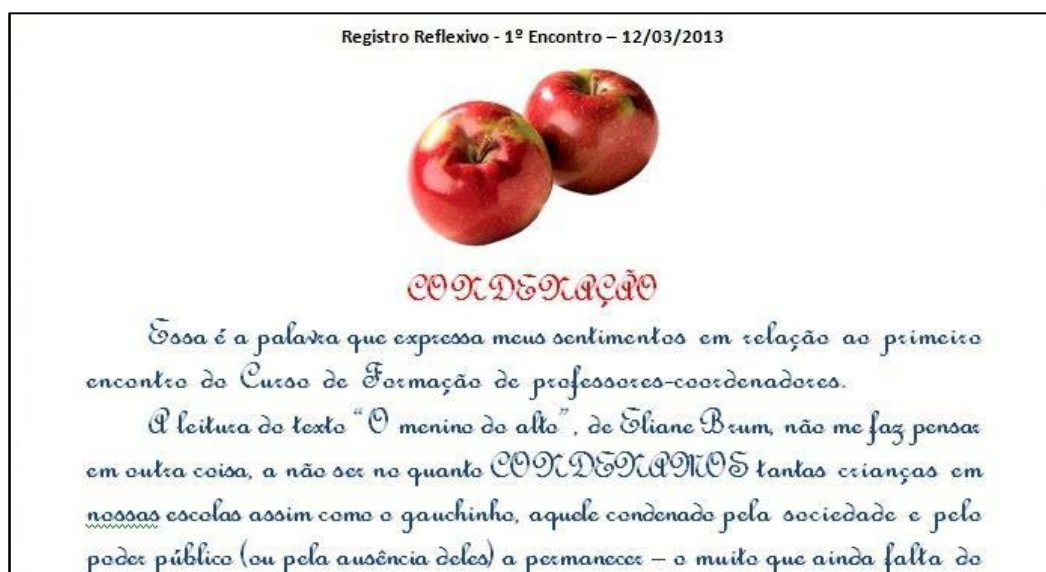
encontros mensais, tiveram a oportunidade de acompanhar uma sala de aula semanalmente desenvolvendo uma parceria com a professora da sala, acompanhando, propondo algumas atividades, e vivenciando o ambiente escolar.

Os encontros com as participantes do curso de extensão foram realizados uma vez por mês, com o objetivo de aflorar a sensibilidade do olhar, para que, a partir das leituras realizadas, dos filmes, vídeos e documentários assistidos, e da própria escrita, pudessem ter um olhar mais atento e humano para os acontecimentos diários da escola.

Uma das práticas instituídas no curso foi a produção de escritas, chamadas de registros reflexivos, onde as participantes relatavam o que sentiram com o encontro. Essas escritas eram livres, por isso muitas delas socializavam seus questionamentos, sentimentos e dificuldades, seus pensamentos e suas angústias, traziam poemas, letras de música, imagens, (fato que não é comum por ser uma escrita realizada no âmbito universitário) conforme demonstrado nas figuras a seguir.

Na figura1, foi feito o uso de uma imagem que fez correspondência ao documentário “A maçã” de Samira Makhmalbaf (1998) que havíamos assistido no primeiro encontro. Além disso, a autora da escrita utilizou uma fonte diferenciada para as letras:

Figura 1 – Escrita com uso de imagem e fonte diferenciada



Fonte: Registro reflexivo Simone (vice-diretora) - primeiro encontro; mar/2013.

Na figura 2, a autora apresenta uma imagem que se relaciona com o contexto de seu registro reflexivo, feito também no nosso primeiro encontro:

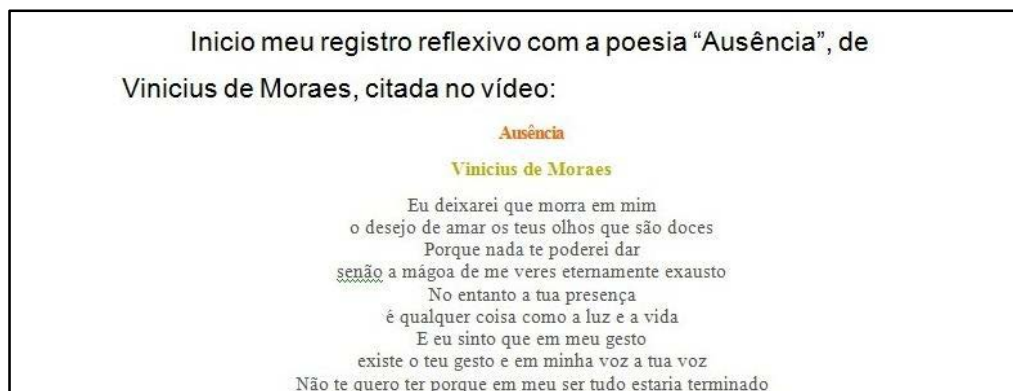
Figura 2 - Escrita com uso de imagem



Fonte: Registro reflexivo Josiane (coordenadora pedagógica) - primeiro encontro; mar/2013.

Já na figura 3, a autora inicia seu registro reflexivo apresentando um poema que havia sido citado no documentário “Pro dia nascer feliz”, dirigido por João Henrique Vieira Jardim (2006), que assistimos no nosso terceiro encontro:

Figura 3 – Escrita com apresentação de poema



Fonte: Registro reflexivo Simone (vice diretora) – terceiro encontro; mai/2013.

Através desses escritos tínhamos a oportunidade de nos abrir e de nos conhecermos melhor, algo que já acontecia durante o curso, mas que se materializava quando tudo isso era registrado no papel. A escrita era feita uma vez ao mês e não era obrigatória, também não sendo obrigatório socializar com todas as participantes, podendo enviá-la apenas para a coordenadora do curso em questão. Apesar da não obrigatoriedade, muitas participantes faziam esse exercício regularmente, e escreviam com liberdade, com sentimento.

A partir dessas escritas foi possível observar o quanto os filmes, vídeos e documentários que eram assistidos tocavam as participantes, colocando-as para refletir sobre diversos aspectos, desde a educação em geral, até sobre a própria prática.

3.2. Escritas das participantes

Durante o ano de 2013 tivemos dez encontros, começando no mês de março e finalizando no mês de dezembro, sendo que um desses encontros foi a participação em uma mesa redonda que tratava sobre as práticas do coordenador pedagógico no cotidiano escolar. Para auxiliar na contextualização dos encontros, utilizei além das escritas dos registros reflexivos, os registros que eu realizava sobre cada um deles, relatando de maneira mais sistemática o que havia acontecido naquele dia, e o caderno no qual fazia anotações durante os encontros.

Muitas foram as escritas enviadas pelas participantes do curso, no entanto, selecionei aquelas que realmente relatavam ou apresentavam de alguma forma quais as sensações, as reflexões, os sentimentos que estavam sendo despertados através do uso dos filmes, vídeos e documentários durante os encontros. Confesso que foi muito prazeroso retomar essas escritas, pois através delas pude conhecer um pouco mais das participantes, e perceber o quanto o curso contribuiu para cada uma delas. Além disso, compreendi também o quanto esse espaço contribuiu em minha formação, e o quanto a vivência com as professoras coordenadoras, coordenadoras pedagógicas e vice-diretoras fez com que ela se tornasse ainda mais completa.

Nossos encontros foram vivos, verdadeiros, sinceros. Tínhamos a liberdade para nos expressar, tanto na fala quanto na escrita e colocar nossa opinião, refletindo sobre as mais

diversas situações e sobre as leituras, filmes, vídeos ou documentários que eram apresentados durante o curso, conforme registrado por uma das participantes:

Registro Reflexivo Ana Paula (professora coordenadora)

“Primeiramente gostaria de ressaltar o quanto esses encontros vêm sendo produtivos para mim, cada encontro me leva a muitos questionamentos, quanto ao trabalho realizado nas escolas, quanto ao meu trabalho; alguns questionamentos sem respostas, porém a reflexão e questionamentos realizados coletivamente, em alguns momentos me fazem ver que algumas das dificuldades enfrentadas no dia a dia das escolas são as mesmas. Às vezes fico um pouco desestimulada, querendo resultados positivos de imediato, mas não desisto nunca. Esses encontros me fazem entender que educação é um processo que sempre deverá estar sendo discutido, sempre na busca de novos caminhos”.

Nesse trecho de seu registro reflexivo, a professora coordenadora Ana Paula, destaca a importância dos momentos de reflexão proporcionados durante o curso. Zeichner (2002), ao falar sobre a reforma educacional e sobre a utilização da reflexão como um *slogan*, aponta que esse fato “[...] significa um reconhecimento de que o processo de aprender a ensinar continua, ao longo de toda carreira de professores [...] (p. 34)”, o que também foi citado pela coordenadora, ao compreender que a educação é um processo que deve ser sempre discutido. Além disso, ao alertar para algumas ilusões acerca da prática reflexiva, Zeichner (2002) ressalta a ênfase dada à reflexão individual, na qual o professor pensa sobre seu próprio trabalho, dando assim pouca ênfase “[...] na reflexão a respeito de uma prática social onde grupos de professores possam apoiar e sustentar o crescimento, uns dos outros” (p. 40), fato que também foi destacado pela professora coordenadora, ao citar que as reflexões realizadas coletivamente permitiram que ela compreendesse que os problemas vividos em sua escola também ocorriam em outras. Ainda considerando a percepção de dificuldades comuns entre as escolas, Chaluh (2010) apresenta o pensamento de Kramer (2003 apud CHALUH, 2010, p. 216) sobre a coletividade, apontando que a autora “[...] destaca a importância da dimensão coletiva no trabalho das professoras, ao considerar a necessidade de possibilitar um espaço de linguagem para que elas possam expor sua prática e, nessa interlocução, enxergar que os problemas são comuns e não individuais”. (CHALUH, 2010, p. 216).

A cada encontro a coordenadora do curso, também orientadora dessa pesquisa, propunha uma leitura a ser realizada antes, ou até mesmo durante o encontro, além de

socializar um filme, curta ou documentário. Diante do que havíamos lido e assistido o grupo tinha a liberdade de expor suas reflexões, seus entendimentos, trazendo muitas vezes suas experiências vividas no ambiente escolar. Essa possibilidade de falar e ser ouvida, e também de ouvir a fala do outro foi criando entre as participantes um clima de intimidade, de respeito e compreensão, possibilitando que se conhecessem e tivessem a oportunidade de contribuir com a prática umas das outras, e dessa forma nossos encontros foram se tornando cada vez mais significativos.

Em nosso primeiro encontro realizado em março de 2013, após as apresentações das participantes e de comentarem sobre suas expectativas e interesses em relação ao curso, fizemos a leitura de um conto de Eliane Brum (2006), chamado “O menino do alto” que conta sobre as dificuldades vividas por Leandro, um garoto que entra em coma após ser atropelado e tendo seu tratamento negligenciado no hospital só volta a ter esperança de voltar a andar quando é descoberto por uma enfermeira que se une a seus pais para ajudá-lo a se recuperar. Após a leitura conversamos sobre as injustiças que existem em nossa sociedade e surgiu uma comparação entre o coma de Leandro e o coma vivido por pessoas envolvidas com a educação que desistem de lutar, comparando também a enfermeira com a professora coordenadora, que tem o papel de ajudar esses profissionais a reconquistar a esperança e a lutar por seus ideais.

Além do conto, assistimos o documentário “A maçã” (1998), que conta a história de duas irmãs iranianas, cuja mãe tinha deficiência visual, que eram mantidas presas em casa por seu pai durante onze anos com o intuito de protegê-las, prejudicando assim seu desenvolvimento intelectual e motor. Além do choque cultural trazido pelo documentário, as participantes destacaram o papel da assistente social que teve muita coragem e comprometimento para enfrentar os pais das garotas, o que as levou a questionar se teriam a mesma atitude pelo bem dos alunos.

Em meu registro reflexivo, relatei minha dificuldade para compreender o documentário, para entendê-lo, para dar um significado àquilo que estávamos assistindo. No entanto, foi ao me libertar dessas “amarras” que me senti tocada por ele e pelas questões que, discretamente, ele acaba suscitando, como por exemplo, em relação à imagem refletida no espelho:

Registro reflexivo Juliane (graduanda) – 03/2013

Começamos então a assistir um documentário que a princípio para mim não estava fazendo sentido... tentava de várias formas relacioná-

lo com alguma coisa, mas parecia que não tinha nada a ver com o que estávamos falando ou pensando. Até que resolvi me abrir, e assisti-lo sem esse compromisso de entendê-lo, mas apenas para senti-lo. E senti muita coisa! Me senti tocada principalmente pelo espelho que aparecia em vários momentos, e que me fez pensar na importância de nos olharmos, de nos conhecermos e nos reconhecermos em nossas atitudes. Será que eu sou quem eu gostaria de ser?

Ao perceber e destacar a figura do espelho refleti sobre minha personalidade, sobre minhas escolhas, minhas atitudes. Será que sou quem eu gostaria de ser? Esse tipo de pergunta é algo essencial, já que somos seres em constante construção, seres inacabados, conforme considera Freire (2011).

Simone aponta em seu registro o desejo em ter a mesma força dos pais do filme e do conto, para lutar pela educação de seus alunos:

Registro reflexivo Simone (vice-diretora) – 03/2013

Quero poder ser forte como aquele pai iraniano: que briga com todos para defender a forma como cria suas filhas, a ponto de não enxergar que possa estar tirando delas algumas de suas necessidades mais básicas para se desenvolverem. Faz aquilo que acredita, que tem condições, o que pode...

Quero poder ser forte como aquele pai gaúcho: que carrega o menino “das pernas retorcidas”, esquecendo-se de seu corpo raquítico e da sua falta de força, para levá-lo para ver o mundo e dar-lhe alguma esperança de um dia voltar a caminhar sobre suas próprias pernas.

Quero ser uma educadora com um pouquinho da força desses dois pais. Que eu possa educar meus alunos com a mesma crença e a mesma garra deles e passar por cima de qualquer coisa para levar adiante a educação dos meus meninos e meninas.

Se esse era o grande objetivo do curso – trazer de volta a comoção, as inquietudes, a sensibilização perdidas ao longo de nossas vidas – posso afirmar que em mim já começou.

Nesse trecho Simone deixa claro sua vontade de realmente lutar pela educação de seus alunos, almejando garra para alcançar esse objetivo. Da mesma maneira, Freire (2011) aponta, dentre outras qualidades, a persistência na luta como algo essencial para uma prática pedagógico-progressista:

[...] É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça,

não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica (FREIRE, 2011, p. 117-118).

Mesmo sendo o primeiro encontro do ano, já iniciamos com fortes discussões e reflexões, motivadas pela leitura realizada, mas, sobretudo pelo documentário, que já nos inquietou e nos levou a pensar, refletir e, principalmente sentir. Interessante perceber também que desde o início a escrita se mostrou como uma forma de expressar nossos pensamentos e sensações a respeito de tudo o que havia sido vivenciado naquele dia e que ao ser socializada para as outras participantes também permitia que fossemos nos conhecendo ainda mais.

Em nosso segundo encontro (abril/2013) iniciamos com a leitura e discussão do texto “Filmes na formação de futuros professores: educar o olhar” (CHALUH, 2012), que conta sobre a experiência do uso dos filmes e da escrita na formação de alunos na universidade. Além disso, destaca a importância de “assistir juntos” a um filme, possibilitando o conhecimento, o sentimento e a ação.

Nesse encontro também assistimos ao vídeo “A flor mais grande do mundo” (2007) baseado na obra de José Saramago, que mostra a sensibilidade do olhar de uma criança, fazendo-nos pensar sobre como temos olhado para as coisas, para as pessoas. Laura (coordenadora do curso) nos apresentou a pipoca pedagógica “Você faz falta”, escrita pela professora Cristina Maria Campos. As pipocas pedagógicas⁴ são crônicas que surgiram no GEPEC (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Continuada) da Faculdade de Educação da UNICAMP que falam sobre algum momento ocorrido na escola, como um registro do fato, só que de maneira livre, espontânea. Essa que lemos fala sobre um fato que aconteceu na sala de aula da professora Cristina, em virtude de sua maneira de realizar a chamada com sua turma, na qual ao invés de falarem que o aluno faltou, dizem que ele “faz falta”. Por último, lemos o conto “História de um olhar” de Eliane Brum (2006), que apresenta a história de Israel, um andarilho que tem sua vida transformada após seu contato com a escola e principalmente com o olhar da professora Eliane Vanti, no qual pode ver novas possibilidades para si mesmo.

Esse encontro, em especial, despertou muita sensibilização, e do mesmo modo como o encontro anterior, possibilitou vários sentimentos. Em seu registro reflexivo, a vice-diretora Simone apontou o sentimento de esperança que o vídeo a provocou:

Registro reflexivo Simone (vice-diretora)– 04/2013

Ao assistir ao filme “A maior flor do mundo”, de José Saramago, enchi-me com a sensação de renovação do sentimento de esperança. Esperança no outro, esperança nas pequenas ações e atitudes de cada um de nós, esperança no processo educacional e nas mudanças que podemos provocar em tudo ao nosso redor.

Ao trazer a questão do sentimento, Simone demonstra que foi tocada de alguma forma pelo que havia assistido e que isso provocou nela um sentimento de renovação e esperança. Porto (2002) destaca a importância das sensações provocadas ao assistir um vídeo ou filme em espaços de formação que utilizem esses recursos, pois “[...] Uma formação docente com mídias imagéticas vai além de relações lógico-cognitivas entre sujeitos. Privilegia a comunicação afetiva, permitindo-lhes um "mergulho" nas sensações proporcionadas ao contato com elas” (p. 9). Gil (2008) também comenta sobre as sensações provocadas pelos filmes, e aponta que “O cinema nos faz pensar sobre a vida e o mundo, sentindo. Às vezes, saímos de um filme e o filme não sai da gente” (GIL, 2008, p. 3).

Paulo Freire (2011) também discorre sobre o sentimento de esperança, relacionando-a com a dedicação pela docência, afirmando que “[...] quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também” (p. 139).

Nosso terceiro encontro, realizado no mês de maio de 2013, teve início com o documentário “Pro dia nascer feliz” (2006) que mostra a realidade escolar do país nas escolas públicas e particulares, explicitando a diferença existente entre as classes. Para esse encontro havíamos realizado a leitura antecipada dos textos “Prescrição do dia: infusão da alegria. Utilizando a arte como instrumento na assistência à criança hospitalizada” (FRANÇANI et al., 1998), e “Dialogia do riso: um novo conceito que introduz alegria para a promoção da saúde apoiando-se no diálogo, no riso, na alegria e na arte da palhaçaria” (MATRACA; WIMMER; JORGE, 2011), que mostram a valorização da alegria e do riso no ambiente hospitalar. Durante o encontro lemos também a pipoca “As mil e uma utilidades do ferro” produzida pela professora Cristina Maria Campos.

⁴Para compreender melhor o que são as Pipocas Pedagógicas, ver o livro: PRADO, G. V. T.; CAMPOS, C. M. (Orgs.) **Pipocas Pedagógicas: narrativas outras da escola**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. 96p.

Após esse encontro, em seu registro reflexivo, a professora coordenadora Tagiane alerta em seu registro para o nosso papel diante da realidade das escolas, na qual ficamos apenas como “espectadores” e não buscamos mudanças:

Registro reflexivo Tagiane (professora coordenadora)– 05/2013

Questionamentos diversos surgiram diante do documentário e das discussões, as diferenças entre os alunos de realidades diferentes, seus anseios e frustrações, seus desejos e planos para uma vida futura..... o que eles diferem uns dos outros ? O sentimento que ficou, foi entre outros o da frustração, de vermos uma escola se esvaír e ficarmos de mero espectadores, culpando uns aos outros, por uma falha, que em primeiro lugar é nossa. De não nos movermos em busca de mudanças.

Diante dessa realidade descrita pela Tagiane, no mesmo sentido Freire (2011) aponta que é preciso uma postura rebelde para a transformação, mas destaca que também é necessário uma anunciação para superar essa situação:

Uma das questões centrais com que temos de lidar é a promoção de posturas rebeldes em posturas revolucionárias que nos engajam no processo radical de transformação do mundo. A rebeldia é ponto de partida indispensável, é deflagração da justa ira, mas não é suficiente. A rebeldia enquanto denúncia precisa de se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora. A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho (FREIRE, 2011, p. 76-77).

Nesse encontro, apesar de termos realizado leituras que falassem sobre a alegria, o sentimento predominante foi de revolta, pois as cenas trazidas no documentário explicitam situações que nos chocam, nos desconfortam. No entanto, tomar conhecimento desses fatos é algo importante para que, ao conhecer as desigualdades e as situações pelas quais algumas escolas se encontram, possamos compreender a responsabilidade e a importância de nosso papel na educação. Ao relatar seu sentimento de frustração, Tagiane reconhece que de alguma forma estamos falhando, por não lutarmos por uma educação de qualidade. Conhecer a situação e denunciá-la são passos fundamentais para a transformação, seguidos pela compreensão de nossa responsabilidade e assim, pela nossa busca por mudanças.

O quarto encontro aconteceu no mês de junho, no qual realizamos a leitura antecipada do texto “Formando professores reflexivos para uma educação centrada no aprendiz: possibilidades e contradições” (ZEICHNER, 2002) que fala sobre a importância de uma formação reflexiva para que o processo de ensinar e aprender continuem durante toda a carreira do professor. Além do texto, começamos a assistir o filme “Escritores da Liberdade” (2007) que mostra os desafios enfrentados por uma professora iniciante em uma sala “problemática”. Ao mesmo tempo que ele aponta as dificuldades, destaca também que o compromisso e a dedicação por parte da professora foi capaz de transformar aquela realidade da sala de aula e a vida dos alunos. Devido a problemas com o computador, não conseguimos assistir o filme até o final, no entanto foi possível que continuássemos discutindo sobre o que havíamos assistido até o momento.

Em virtude do filme, registrei em meu registro reflexivo a angústia e o medo em relação à minha futura profissão enquanto professora. Nesse sentido Freire (2011) considera que esse sentimento poderá ser superado com o tempo e também com a experiência, já que "Aprender para nós é *construir, reconstruir, constatar para mudar*, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito" (FREIRE, 2011, p.68, grifos do autor.).

Registro reflexivo Juliane (graduanda)– 06/2013

Ao mesmo tempo em que esse filme me faz ter muita vontade de um dia fazer algo desse tipo para meus alunos, também me amedronta, pois não sei se teria a mesma força que aquela professora, e isso me faz pensar em como irei reagir com as dificuldades que encontrarei futuramente.

Esse tipo de reflexão foi muito importante, afinal é preciso ter consciência da escolha que fiz e das responsabilidades que ela carrega, para que ao chegar à escola e me deparar, talvez, com uma realidade que não esperava, não desanime, mas persista para buscar alternativas e formas de melhorar a situação, por isso esse filme, com certeza trouxe uma contribuição grandiosa na minha formação.

No caso da professora coordenadora Ana Paula, seu registro reflexivo destaca as atitudes da professora do filme e as indica como algo necessário para além da formação, como o amor, comprometimento e a vontade:

Registro reflexivo Ana Paula (professora coordenadora)– 06/2013

No filme Escritores da liberdade, a professora luta por um ideal, ela acredita no que faz, faz com amor, comprometimento. Acredito que além da formação é necessário a vontade, o compromisso, o desejo que é extrínseco, é necessário enxergar o outro, suas necessidades, é preciso ter sensibilidade, encantamento.

Freire (2011), além de comentar sobre a importância do comprometimento, da persistência na luta, também reforça diversas vezes a importância da amorosidade para o professor: “[...] É esta força misteriosa, às vezes chamada *vocação*, que explica a quase devoção com que a grande maioria do magistério nele permanece, apesar da imoralidade dos salários. E não apenas permanece, mas cumpre, como pode, seu dever. Amorosamente, acrescento” (p. 139, grifos do autor). No entanto, mesmo afirmando a necessidade da amorosidade, Freire (2011) insiste que o professor “[...] não deixe de lutar politicamente, por seus direitos e pelo respeito à dignidade de sua tarefa, assim como pelo zelo devido ao espaço pedagógico em que atua com seus alunos” (p. 139).

Diante das discussões que surgiram, no final do encontro Laura (coordenadora do curso) levantou três questões com as quais as participantes deveriam refletir e realizar uma escrita para socializar no próximo encontro: O que eu, enquanto coordenadora/vice-diretora, faço para que as crianças gostem da escola? O que eu, enquanto coordenadora/vice-diretora faço para que as crianças gostem delas mesmas? Em que medida faço alguma coisa para que os professores enxerguem o potencial das crianças?

Encontramo-nos novamente em agosto (quinto encontro), continuando com a mesma leitura e finalizando o filme. Foram socializadas também pelas participantes as respostas para as três questões levantadas no encontro anterior. É importante destacar que esses dois encontros foram um marco para o curso, pois o movimento que ocorreu após foi impressionante. O grupo se sentiu mais à vontade e se fortaleceu enquanto um grupo formativo, compreendendo que as experiências de cada uma delas traziam contribuições significativas para aquele espaço e para as práticas das participantes. Esse fato foi bastante destacado nos registros reflexivos:

Registro reflexivo Mariane (professora coordenadora) – 08/2013

Este encontro, para mim, foi o melhor de todos, pois a troca de ideias e ações dos coordenadores puderam enriquecer meu trabalho e

acredito que esta metodologia deve ser adotada mais vezes, pois além do “desabafo” é necessário se criar estratégias novas para nossa atuação e resolução do que enfrentamos com nosso grupo de trabalho e convívio profissional

[...]

Espero poder contribuir com o grupo assim como vocês têm contribuído comigo!

Agradeço por disponibilizar e socializar suas experiências comigo.

Mariane apontou em seu registro reflexivo o quanto a socialização e a discussão entre elas contribuiu com seu trabalho, despertando assim o desejo de contribuir também com o grupo. Nóvoa (1999), em seu artigo “Professores na virada do milênio: do excesso do discurso à pobreza das práticas” apresenta, dentre as quatro questões principais focalizadas no texto, sobre o associativismo docente, e destaca que “[...] Tem faltado ao professorado uma dimensão colectiva, não no sentido corporativo, mas na perspectiva da ‘colegialidade’ docente” (p. 19). Além disso, o autor comenta que alguns conceitos têm sido produzidos nesse sentido, mas ressalta que ainda há um longo caminho para que essa prática seja pensada cientificamente e para que seja concretizada nas escolas. Porto (2002) também destaca sobre a importância da aprendizagem coletiva, já que ela “[...] pressupõe movimento e provisoriamente. Sempre há algo para aprender. E se há algo para aprender, é porque os professores não sabem tudo e, estando abertos para ouvir e conversar com os colegas, seus conhecimentos estão em construção” (p. 7), fato que foi ressaltado por Keila em seu registro reflexivo:

Registro reflexivo Keila (professora coordenadora) – 08/2013

Esse encontro foi muito especial. Desde que começamos a nos reunir, tivemos muitos ganhos, construímos novos saberes, adquirimos força, conquistamos novas relações, recebemos compreensão e “dicas”, compartilhamos sentimentos, recuperamos a vontade de fazer a diferença no nosso ambiente de trabalho, principalmente ao considerar a dimensão humana presente cotidianamente na nossa prática.

O que conseguimos com esse encontro foi repletar a afetividade e a emoção, prerrogativas essenciais ao trabalho do educador.

[...]

O sentimento de estar bem (a vontade) no encontro permitiu-me as possibilidades de trocas e os desabaços, talvez em outro momento eu pudesse sentir-me desconfortável, ao me expor demais, mas devido a

atenção e compreensão das companheiras, senti-me confiante e confiei em cada uma.

[...]

Esse foi o encontro do olhar para si, o encontro que permitiu a reflexão da nossa prática, e o entusiasmo para a ação.

Conforme apontado por Keila, além da importância da aprendizagem coletiva, os momentos de reflexão sobre a prática também são essenciais para o professor. Nesse sentido, Porto (2002) discorre sobre a reflexão coletiva e o professor reflexivo como formas que contribuem para a construção da autonomia, apontando que

A interação, os movimentos, a dialogicidade e a reflexão no coletivo conduzem os professores a um processo de organização e sistematização de dúvidas, incertezas e descobertas que estão por trás de atitudes do professor reflexivo. O professor reflexivo tem a capacidade de utilizar o pensamento como atribuidor de sentidos e significados. Quanto maior a capacidade de reflexão e de interação, maior a capacidade de autonomização [...] (PORTO, 2002, p. 8).

Paulo Freire (1991) também destaca a importância da reflexão sobre a prática no processo formativo do educador, já que

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro a tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática (FREIRE, 1991, p. 58).

Ana Lúcia, além de comentar sobre a importância das trocas e reflexões realizadas entre elas, destaca também a importância de falar, de participar, para que isso traga melhorias no processo em que estão envolvidas:

Registro reflexivo Ana Lúcia (professora coordenadora) – 08/2013

Foram valiosas as trocas de experiências que fizemos. Acho que a honestidade é tudo para encontros como os nossos. Somos adultos capazes de problematizar retratos da vida escolar e mergulhar em diferentes caminhos buscando soluções que sempre colaboram com o processo de enriquecimento do outro. Penso que através dessas conversas conseguimos desatar nós que podem parecer não serem importantes, porém... é só quando realmente participamos, falamos, conversamos nesses momentos de integração entre os profissionais da

*educação, que os resultados se transformam em grandes melhorias diante de todo o processo que nos envolve.
Pensando em mim, é melhor que sempre me envolva e tenha a oportunidade de conversar e assim perceber que não se está sozinha.*

Nesse sentido, Bakhtin (1999) explicita a importância do diálogo, da fala, da materialização de nossa consciência, pois “[...] Enquanto a consciência permanece fechada na cabeça do ser consciente, com uma expressão embrionária sob a forma de discurso interior, o seu estado é apenas de esboço, o seu raio de ação ainda limitado (p. 118). Durante nossos encontros a fala sempre foi algo valorizado e considerado como essencial, para que ao expressarmos nossa opinião, nossos pensamentos e nossas reflexões, colaborássemos com a formação umas das outras. Já em relação ao diálogo, Bakhtin (1999) afirma que este “[...] no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal” (p. 123).

Ana Lúcia também aponta que as conversas promovidas durante os encontros possibilitavam que ela percebesse que não estava sozinha, ressaltando novamente a importância de fazer parte de um coletivo. Chaluh (2010), ao relatar sua experiência em um grupo de formação com professoras que se uniram para pensar sobre o aprendizado de seus alunos, apresenta contribuições para pensar a respeito do trabalho coletivo. Após vivenciar e refletir sobre a coletividade a partir desse grupo, a autora destaca que “[...] A possibilidade de tratar dos problemas comuns permitiu que estes fossem considerados como *nossos*, o que levou as professoras a buscar uma saída em forma conjunta” (CHALUH, 2010, p. 222). Em outro artigo, Chaluh (2012) também discute a partir de Dussel (2006) a dimensão ética e estética de nos comovermos através da relação com o outro, o que ocorreu com intensidade durante o curso em virtude das reflexões no coletivo:

Parece que se hubiera olvidado de que la relación con otros se apoya también en sensibilidades y disposiciones éticas y estéticas, en dejarse conmover, en poder escuchar otras historias. También en poder juntar estas historias con otros saberes, en cruzar lo singular con lo universal, en poder pensar reglas más complejas y más interesantes para los desafíos que nos presenta la vida en común (DUSSEL, 2006, p. 288 apud CHALUH, 2012, p. 140)

Conforme já dito anteriormente, destaco que esse encontro promoveu uma mudança significativa no grupo, no qual as participantes compreenderam a importância da troca, da

reflexão coletiva, de socializar o que cada uma realiza em seu trabalho, entendendo que assim contribuem umas com as outras.

Encontramo-nos novamente ainda no mês de agosto (sexto encontro), no qual fizemos a leitura antecipada do texto “Qualidade negociada: Avaliação e contra-regulação na escola pública” (FREITAS, 2005) e assistimos ao curta “Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo” (2009), mas vou avançar para o sétimo encontro (outubro/2013), pois este também foi bastante significativo. Nesse encontro lemos o texto de Paro (2011) “Autonomia do educando na escola fundamental: um tema negligenciado”, que trata sobre a importância dos alunos terem autonomia durante o processo escolar. Além disso, assistimos ao documentário “Pensando en los demás” (2003), que mostra uma sala de aula em uma escola pública primária do Japão, na qual é incentivado pelo professor Toshiro Kamamori que as crianças sejam felizes, e que haja aprendizagem com diversão. Através das atitudes do professor é possível que as crianças estabeleçam vínculos entre elas e também com ele, criando assim um ambiente de respeito e empatia entre todos. Após assistirmos ao documentário destacamos que na escola não é comum que os sentimentos sejam expostos, refletimos sobre a alegria que havia naquela sala de aula e sobre os vínculos que estávamos, ou não, estabelecendo com as pessoas com as quais convivíamos, fato que destaquei em meu registro reflexivo:

Registro reflexivo Juliane (graduanda)– 10/2013

Assistir ao documentário me fez repensar nas relações que tenho estabelecido com as pessoas que estão ao meu redor, e percebi que é necessário viver intensamente todos os momentos e também todas as companhias.

Ao refletir sobre isso, extrapolei o âmbito educacional e pude pensar sobre minha própria vida e sobre as relações que eu vinha estabelecendo com as pessoas. Nesse sentido, Tokunaga (2006), que em sua pesquisa utilizou os filmes como uma alternativa para que os professores refletissem sobre sua prática, revela que se perceberam situações em que as professoras estabeleceram relações entre os filmes e suas vidas, destacando a importância “[...] do cinema na formação do professor, já que as falas confirmam a sensação de realidade proporcionada pelo filme permitindo a transferência de sentimentos compartilhados entre elas e os personagens que se entrelaçam inconscientemente” (TOKUNAGA, 2006, p. 5). Essa sensação de realidade foi muito forte em mim após aquele encontro, e senti realmente uma necessidade de me aproximar mais das pessoas e de estabelecer vínculos mais fortes com elas.

Porto (2002) comenta em seu artigo que formações que utilizem os recursos tecnológicos devem realmente promover esse tipo de reflexão, pois

Metodologias dialógico-participativas com o uso de imagens fixas e em movimento (mídias imagéticas) servem para refletir sobre práticas escolares e saberes docentes, permitindo aos professores trazerem para debate sentimentos, emoções e vivências pessoais (diferentes períodos de sua vida, como criança/adolescente), e (re)pensarem suas relações, atitudes e envolvimento com os colegas e com os alunos, assim como, terem um outro entendimento e outra ação diante dos meios e questões do contexto escolar e social (PORTO, 2002, p. 10).

Ao final do encontro Laura (coordenadora do curso) então nos questionou e nos desafiou a pensar em ações para promover vínculos, que deveriam ser socializadas no próximo encontro.

Posso afirmar que o documentário assistido nesse dia foi bastante significativo, por trazer a questão da afetividade e por mostrar uma sala de aula na qual os alunos e o professor são felizes. Foi realmente prazeroso ver que naquele ambiente, apesar dos conflitos, havia muita alegria. Freire (2011) concorda que a alegria é algo natural na relação entre o professor e seus alunos, já que “A atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza. E falso também tomar como inconciliáveis seriedade docente e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigidez” (p. 139), fato que também pode ser percebido no documentário, pois mesmo com a diversão, todos deveriam cumprir com suas responsabilidades, algo que era cobrado pelo professor.

Ainda no mês de outubro participamos de uma mesa redonda que falava sobre a prática do coordenador pedagógico e consideramos essa participação como nosso oitavo encontro, por isso a socialização das ações aconteceu no nono encontro, realizado no mês de novembro. Nesse encontro além da socialização das ações que foram desenvolvidas pelas participantes para promover vínculos, também pensamos em alguns combinados para o ano seguinte.

Nosso décimo e último encontro do ano aconteceu no mês de dezembro, no qual assistimos ao curta “A casa de pequenos cubinhos” (2008), socializamos nossa auto-avaliação e fizemos o jornal de parede, uma técnica de Freinet que possibilita que as pessoas felicitem, critiquem, e/ou proponham algo. No momento de comentar sobre a auto-avaliação, os filmes foram citados pelas participantes como algo fundamental para que estas fossem

sensibilizadas. A professora coordenadora Ana Paula apontou que os filmes foram fundamentais para que passasse a refletir sobre as diferentes situações da escola, o que foi confirmado também pela coordenadora pedagógica Luciane, que destacou a importância de ter conhecido filmes e curtas que promovessem reflexão. Além disso, a professora coordenadora Tagiane afirmou que durante o curso, o que mais a tocou foram os filmes.

Através das falas das participantes, e de seus registros, pudemos perceber o quanto o curso foi significativo para cada uma delas, e o quanto ter passado por essa experiência influenciou no seu trabalho com o grupo de professores na escola, ou até mesmo no ambiente da Secretaria Municipal.

Dentre todos os fatores que contribuíram com o curso de extensão, como as leituras, a escrita, o espaço para reflexão, a possibilidade da fala e a socialização de pensamentos e práticas, destaco a presença dos filmes, vídeos e documentários como motivadores para que sentimentos fossem aflorados e várias questões educacionais fossem discutidas. Hoje, enquanto pesquisadora, ao tentar me distanciar dos encontros para compreender o quanto eles foram formativos e em qual medida os filmes contribuíram nesse processo, vejo que o sentimento maior é a satisfação de ter participado desse grupo, de ter vivenciado esse processo pelo qual todas nós passamos, e enxergar que o crescimento pessoal e intelectual não aconteceu somente com as coordenadoras ou vice-diretoras, mas também comigo enquanto aluna de graduação. Com isso, percebe-se a potencialidade do uso dos filmes em espaços de formação, seja de professores ou até mesmo da equipe de coordenação, além das contribuições que o mesmo pode apresentar ao ser utilizado com os alunos.

Considerações finais

Essa pesquisa teve como objetivo compreender de que forma os filmes podem contribuir no espaço escolar, além de sistematizar e socializar a produção científica que trata sobre a temática. Para isso utilizei a pesquisa bibliográfica para buscar os trabalhos que trouxessem reflexões referentes ao tema, realizando essa pesquisa nos Anais da ANPEd entre os anos de 2000 a 2012, e do ENDIPE entre os anos de 2004 a 2012. Além disso, visando complementar o trabalho, utilizei a pesquisa documental, apresentando algumas das escritas feitas pelas participantes durante o curso de extensão, para demonstrar o quanto, para elas, os filmes possibilitaram que fossem sensibilizadas.

No primeiro capítulo do trabalho, refleti sobre o uso das tecnologias e mídias no ambiente escolar, o que permitiu entender que esses recursos devem ser introduzidos na escola, mas a seu favor, sendo bem utilizados. Para isso é importante que os professores conheçam suas possibilidades pedagógicas e comunicacionais, sendo dessa forma um mediador entre os alunos e essas tecnologias, colocando-os para refletir sobre as mensagens que são transmitidas através da mídia e que acabam entrando na escola sem pedir licença.

A questão hoje não é mais deixar ou não que as tecnologias e mídias adentrem no espaço escolar, pois as crianças já trazem suas “marcas” em seus materiais, em suas conversas, em suas brincadeiras. Com isso a escola se torna um espaço essencial no qual esses recursos sejam questionados e refletidos, mas também como um espaço que, conhecendo suas possibilidades e potencialidades, os utilize como forma de cativar os alunos, de tornar as aulas mais prazerosas, de trazer inovações. No entanto, é importante que os professores tenham conhecimento sobre as questões técnicas relacionadas às tecnologias e mídias, mas também conheçam todas as possibilidades que esses recursos oferecem, destacando assim a necessidade de uma formação que os prepare para essas questões.

No segundo capítulo tratei, em especial, das questões relacionadas aos filmes e suas contribuições na área educacional. Dessa forma foi possível compreender que atualmente ver filmes é fundamental para a formação, além de possuir inúmeras possibilidades pedagógicas. Destacou-se também a importância de uma reflexão, uma educação crítica sobre o que foi assistido, possibilitando que os alunos tenham espaço para compartilhar o que pensam em relação às mensagens transmitidas pelos filmes, sendo que o professor deve

incentivar e mediar essa prática, chamando atenção para questões que poderiam passar despercebidas pelas crianças. No entanto é essencial que existam momentos em que os filmes sejam assistidos com liberdade, para que as crianças possam se abrir para experimentar as diversas sensações que um filmes pode proporcionar.

No terceiro capítulo, em sua primeira parte, trouxe informações referentes ao curso, comentando também sobre a prática de escritas, que chamamos de registros reflexivos, que foi instituída entre o grupo. Escritas essas que foram utilizadas na segunda parte do capítulo, no qual apresentei de que forma o uso dos filmes, vídeos e documentários contribuiu durante o curso de extensão oferecido às professoras coordenadoras, coordenadoras pedagógicas, vice-diretoras da rede municipal de Rio claro e alunos em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Através dos escritos selecionados foi possível perceber que o curso foi muito significativo para as participantes, e que os filmes tiveram grande influência para que elas refletissem sobre a própria prática, sobre questões educacionais, sobre seu papel enquanto coordenadoras e sobre a própria vida. Além disso, os registros apontaram que os filmes, vídeos e documentários proporcionaram que vários sentimentos fossem aflorados, e que dessa forma fossem sensibilizadas por eles, o que podemos perceber através da escrita da vice-diretora Simone, que mostra claramente o quanto a utilização desses recursos foi marcante durante o curso:

Registro reflexivo Simone (vice-diretora)– 10/2013

Não tem jeito... estou começando a acreditar, fielmente, que em todos os dias da minha vida – pelo menos enquanto eu estiver trabalhando com educação – precisarei assistir logo pela manhã a um filme ou a um documentário antes de sair de casa.

Tenho visto nos filmes e documentários usados no nosso curso de formação uma possibilidade imensa de fazer profundas reflexões sobre “ser professor”. Todos os sentimentos que afloram tem sido muito importantes para uma mudança de postura e de atitudes em minha prática pedagógica.

As reflexões também tem sido muito importantes para minha vida pessoal como mãe, esposa, irmã, filha, amiga...

Acredito ser relevante compartilhar o quanto realizar essa pesquisa foi significativo para minha formação, pois possibilitou que eu refletisse de maneira mais profunda sobre o uso dos filmes na escola, tomando conhecimento do quanto esse recurso pode auxiliar na área educacional. Além disso, devo ressaltar que minha formação se tornou mais completa quando

comecei a participar do projeto de extensão, e posteriormente do curso de extensão. Durante a graduação, o foco principal é quase sempre o professor, por isso ter passado por essa experiência com as coordenadoras ampliou minha visão, permitindo que eu pudesse compreender, pelo menos, em parte os desafios e responsabilidades estabelecidos a essa função.

Através desse trabalho foi possível compreender a potencialidade existente nos filmes, e também nas mídias e tecnologias, trazendo contribuições para o ambiente escolar tanto para os alunos quanto para os professores. Da mesma forma, destaca-se também a grande contribuição que essa produção cultural pode oferecer na formação de professores, seja essa inicial ou continuada, promovendo reflexões que levem os participantes a possuir um olhar mais atento e humano diante das situações cotidianas.

Referências

A CASA de pequenos cubinhos. Direção de Kunio Katô. Produção de Masanori Kusakabe e Yuko Shin. Japão: Robot Communications Inc, 2008. 1 vídeo. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=jUVhV1px6js>>. Acesso em 10 dez. 2013.

A FLOR mais grande do mundo. Direção de Ana Fernandez. Produção de Pancho Casal. Continental Producciones SL. 2007. 1 vídeo. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=YUJ7cDSuS1U>>. Acesso em: 09 abr. 2013.

A MAÇÃ. Direção de Samira Makhmalbaf. Roteiro de Mohsen Makhmalbaf e Samira Makhmalbaf. Coleção Cult Filmes. Irã: 1998. 60 minutos.

ACCIOLY, Denise Cortez da Silva. EDUCAÇÃO PARA A MÍDIA: A TELEVISÃO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO E OBJETO DE ESTUDO. In: Reunião Anual da ANPEd, 28.,2005, Caxambu. **Anais...** Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt16/gt16665int.rtf>>. Acesso em: 17 abr. 2012.

ALLAIN, Luciana. et al. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E TECNOLOGIAS DIGITAIS: ENTRE O VIRTUAL E O REAL. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 13., 2006, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. 1 CD ROOM. Sem paginação.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRUM, E. História de um olhar. In:_____. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

CAMURRA, Luciana; TERUYA, Teresa Kazuko. TECNOLOGIA NA ESCOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO DOCENTE. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2010. 1 CD ROOM. Sem paginação.

CHALUH, Laura Noemi. Do trabalho coletivo na escola: encontros na diferença. **Pro-Posições**, Ago 2010, vol.21, no.2, p.207-223. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v21n2/v21n2a13>>. Acesso em: 09 jan. 2015.

CHALUH, Laura Noemi. Filmes na formação de futuros professores: Educar o olhar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.28, n.02, p. 133-152, jun. 2012.

CHAMPANGNATTE, Dostoievski Mariatt de Oliveira. AS MÍDIAS AUDIOVISUAIS NO CONTEXTO ESCOLAR. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2010. 1 CD ROOM. Sem paginação.

CORDEIRO, Jaime Francisco P. RÁ-TIM-BUM! DE UM CASTELO A OUTRO: TELEVISÃO, CINEMA E PEDAGOGIA. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: conhecimento local e conhecimento universal, 12., 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2004. p. 2513-2527. 1 CD ROOM.

DIAS, Vera Lúcia Catoto. O LUGAR DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: trajetórias e processos de ensinar e aprender - lugares, memórias e culturas, 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRGS, 2008. 1 CD ROOM. Sem paginação.

DUARTE, Rosália. NÚMEROS DO CINEMA NO BRASIL E SEUS REFLEXOS NA EDUCAÇÃO. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: trajetórias e processos de ensinar e aprender - lugares, memórias e culturas, 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRGS, 2008. 1 CD ROOM. Sem paginação.

ESCRITORES da liberdade. Direção de Richard LaGravenese. Produção de Danny DeVito, Michael Shamberg, Stacey Sher. Jersey films e Double Feature Films. 2007. 1 DVD, 2h3min.

FANTIN, Monica. Fragmentos e imagens de crianças no cinema – a inversão do olhar. In: Reunião Anual da ANPEd, 27., 2004, Caxambu. **Anais...** Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt16/t1613.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2012.

FANTIN, Monica. PRODUÇÃO CULTURAL PARA CRIANÇAS E O CINEMA NA ESCOLA. In: Reunião Anual da ANPEd, 26., 2003, Poços de Caldas. **Anais...** Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/monicafantin.rtf>>. Acesso em: 17 abr. 2012.

FELDKERCHER, Nadiane. FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2010. 1 CD ROOM. Sem paginação.

FRANÇANI, G. M. et al. Prescrição do dia: infusão da alegria. Utilizando a arte como instrumento na assistência à criança hospitalizada. **Revista latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v.6, n.5, p.27-33, dez. 1998.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, L. C. de. Qualidade negociada: Avaliação e contra-regulação na escola pública. **Edu. Soc.**, Campinas vol. 26, n. 92, p.911-933, Especial – Out. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a10.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2013.

FRESQUET, Adriana Mabel. Fazer cinema na escola: pesquisa sobre as experiências de Alain Bergala e Núria Aidelman Feldman. In: Reunião Anual da ANPEd, 31., 2008, Caxambu.

Anais... Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT16-4996--Int.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2012.

GARCEZ, Renata Oliveira. OS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS E O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ENSINO. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: trajetórias e processos de ensinar e aprender - lugares, memórias e culturas, 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRGS, 2008. 1 CD ROOM. Sem paginação.

GARCIA, Dirce Maria Falcone. Tecnologias da informação, competências e formação de professores: explicitando relações, contribuindo para o debate. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 13., 2006, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. 1 CD ROOM. Sem paginação.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. CONCERTO CAMPESTRE: Literatura em cinema, cinema em educação. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: trajetórias e processos de ensinar e aprender - lugares, memórias e culturas, 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRGS, 2008. 1 CD ROOM. Sem paginação.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 4. ed. Campinas: Editora Alínea, 2007.

GUIMARÃES, Áurea Maria. IMAGENS E MEMÓRIA NA (RE) CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO. In: Reunião Anual da ANPed, 23., 2000, Caxambu. **Anais...** Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/1603t.PDF>>. Acesso em: 17 abr. 2012.

HISTÓRIAS da unha do dedão do pé do fim do mundo. Direção e desenhos de Evandro Salles. Produção de Daniela Estrella e Gustavo Magalhães. Realização Fundação Vale do Rio Doce. Produtora Lumen Argo Arte e Projeto. Brasil, 2009. 1 Vídeo. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=a-HDwM3jebY>>. Acesso em: 27 ago. 2013.

KLAEGEN, Neila Aparecida. DISCUTINDO A DIVERSIDADE NA SALA DE AULA: O DIFERENTE NOS FILMES INFANTIS. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 13., 2006, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. 1 CD ROOM. Sem paginação.

LEITE, Gisela Pascale de Camargo. A PRÁTICA DA ARTE CINEMATOGRAFICA NA ESCOLA. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2010. 1 CD ROOM. Sem paginação.

LEIVAS, Regina Zauk. CINEMA, “GIRO ICÔNICO” E PRÁXIS EDUCATIVA: TRAJETOS EPISTEMOLÓGICOS. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2010. 1 CD ROOM. Sem paginação.

LUVIELMO, Marisa de Mello. O CINEMA COMO MÍDIA: CONSTITUINDO E CONDUZINDO SUJEITOS. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2010. 1 CD ROOM. Sem paginação.

MACHADO, Ana Lúcia. POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS ATRAVÉS DA MÍDIA CINEMATOGRAFICA: CINEMA É CONHECIMENTO. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 13., 2006, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. 1 CD ROOM. Sem paginação.

MACHADO, João Luis de Almeida. O CINEMA NA ESCOLA. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 13., 2006, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. 1 CD ROOM. Sem paginação.

MATRACA, M. V. C.; WIMMER, G.; JORGE, T. C. de A. Dialogia do riso: um novo conceito que introduz alegria para a promoção da saúde apoiando-se no diálogo, no riso, na alegria e na arte da palhaçaria. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.16, n.10, 2011.

MENDONÇA, Maria Augusta Bernardo Marques de; INFORSATO, Edson do Carmo. NOVAS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS: UMA CULTURA EMERGENTE NA FORMAÇÃO DOCENTE. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: conhecimento local e conhecimento universal, 12., 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2004. p. 556-586. 1 CD ROOM.

MONTES, Sueli Hey; SILVA, Maria de Fátima Caridade da; LEITE, Ligia Silva. MÍDIAS INTERATIVAS NA SALA DE AULA: NOVAS ABORDAGENS NOS PROCESSOS DE ENSINAR E APRENDER. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: conhecimento local e conhecimento universal, 12., 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2004. p. 4633-4646. 1 CD ROOM.

MUNARIM, Iracema. Brincando na escola: o imaginário midiático na cultura de movimento das crianças. In: Reunião Anual da ANPEd, 30., 2007, Caxambu. **Anais...** Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT16-3181--Int.pdf>>. Acesso em 17 abr. 2012.

MORAES, Sirlândia Gomes de. A PRÁTICA PEDAGÓGICA FRENTE À SOCIEDADE MEDIATIZADA. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, 16., 2012, Campinas. **Anais...** Campinas: UNICAMP, 2012. 1 CD ROOM. Sem paginação.

NETO, Armindo Quillici. APRENDER FILOSOFIA NO CINEMA. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: trajetórias e processos de ensinar e aprender - lugares, memórias e culturas, 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRGS, 2008. 1 CD ROOM. Sem paginação.

NÓVOA, A. (1999). OS PROFESSORES NA VIRADA DO MILÊNIO: excesso de discursos à pobrezadas práticas. In: **REVISTA EDUCAÇÃO E PESQUISA**, Vol. 25, No. 1, p.11-20.

OLIVEIRA, Diene Eire de Mello Bortotti de; SILVA, Anilde Tambolato Tavares. TV E INFÂNCIA: REFLEXÕES SOBRE A MÍDIA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: conhecimento local e conhecimento universal, 12., 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2004. p. 6475-6486. 1 CD ROOM.

OLIVEIRA, Sandra de; FABRIS, Elí T. Henn. OS FILMES INFANTIS PRODUZINDO SENTIDOS NAS PEDAGOGIAS ESCOLARES. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: conhecimento local e conhecimento universal, 12., 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2004. p. 2234-2242. 1 CD ROOM.

PARO, Vitor Henrique. Autonomia do educando na escola fundamental: um tema negligenciado. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 41. P. 197-213, jul./set. 2011. Editora UFPR. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/er/n41/13.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2013.

PATROCLO, Luciana Borges; GOUVÊA, Guaracira. O PROFESSOR MIDIÁTICO: A EXPERIÊNCIA DA TV CRIANÇA ATRAVÉS DE PROGRAMAS CRIADOS POR DOCENTES DA EDUCAÇÃO INFANTIL. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2010. 1 CD ROOM. Sem paginação.

PENSANDO en los demás. Dirección de Joan Salvat. Produção de Muntsa Tarrés e Silvia Pairó. Produtora NHK. [S.l.] 2003. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=Pb_ZJ_xnx6I> (parte 1)

<<http://www.youtube.com/watch?v=8-mPRGLpzP0>> (parte 2)

<<http://www.youtube.com/watch?v=6HA6BFsD57U>> (parte 3)

<http://www.youtube.com/watch?v=vA_qA526-hU> (parte 4)

<http://www.youtube.com/watch?v=mbz_bloisoQ> (parte 5)

Acesso em: 01 ago. 2013.

PORTO, Tania Maria Esperon. AS MÍDIAS E OS PROCESSOS COMUNICACIONAIS NA FORMAÇÃO DOCENTE NA ESCOLA. In: Reunião Anual da ANPEd, 25., 2002, Caxambu. **Anais...** Disponível

em: <www.anped.org.br/reunioes/25/sessoes especiais/taniamariaesperon.rtf>. Acesso em: 27 abr. 2012.

PRO DIA nascer feliz. [Filme-vídeo]. Produção de Flávio R. Tambellini, direção de João Henrique Vieira Jardim. Brasil, 2006. 1 vídeo, 1:28:37. color. son.

QUEIROZ, Maria Zilmar de; VIDAL, Eloísa Maia. TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS: DELINEADO OS RECURSOS TECNOLÓGICOS NA ÓTICA DO EDUCADOR. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 13., 2006, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. 1 CD ROOM. Sem paginação.

ROCHA, Adauto Galvão da. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO: NOVOS ALUNOS, OUTROS OLHARES. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: trajetórias e processos de ensinar e aprender - lugares, memórias e culturas, 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRGS, 2008. 1 CD ROOM. Sem paginação.

ROCHA, Elizabeth Matos. et al. USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO ENSINO DE MATEMÁTICA: UM CONVITE À MUDANÇA DE PARADIGMAS. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: trajetórias e processos de ensinar e aprender - lugares, memórias e culturas, 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...**Porto Alegre: PUCRGS, 2008.1 CD ROOM. Sem paginação.

RODRIGUES, Sílvia Adriana; DEÁK, Simone Conceição Pereira. INFÂNCIA EM CENA: A EXPERIÊNCIA DE DISCUSSÃO DOS CONCEITOS DE CRIANÇA E INFÂNCIA A PARTIR DE FILMES. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...**Belo Horizonte: UFMG, 2010.1 CD ROOM. Sem paginação.

SABAT, Ruth. FILMES INFANTIS COMO MÁQUINAS DE ENSINAR. In: Reunião Anual da ANPEd, 25., 2002, Caxambu. **Anais...**Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/25/ruthfrancinisabatt16.rtf>>. Acesso em: 17 abr. 2012.

SANTOS, Solange Mary Moreira. AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: FORMAÇÃO EPRÁTICA DOCENTE. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...**Belo Horizonte: UFMG, 2010.1 CD ROOM. Sem paginação.

TERUYA, Teresa Kazuko. FELIPE, Delton Aparecido. LINGUAGEM DO CINEMA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: REFLEXÕES SOBRE O APARTHEID ÉTNICO-RACIAL. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: trajetórias e processos de ensinar e aprender - lugares, memórias e culturas, 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...**Porto Alegre: PUCRGS, 2008.1 CD ROOM. Sem paginação.

TOKUNAGA, Patrícia. CINEMA E EDUCAÇÃO: OS EFEITOS SUBJETIVANTES DA IMAGEM NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DO PROFESSOR – ABORDAGEM PSICANALÍTICA. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 13., 2006, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. 1 CD ROOM. Sem paginação.

TORRES, Gilvani Alves Pilé; CAVALCANTE, Patricia Smith. A INTEGRAÇÃO DAS TECNOLOGIAS NO ATO EDUCATIVO. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...**Belo Horizonte: UFMG, 2010.1 CD ROOM. Sem paginação.

TOZETTO, Joseli Monteiro; MATOS, Elizete Lúcia Moreira. NOVOS CENÁRIOS, NOVAS NECESSIDADES: TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: trajetórias e processos de ensinar e aprender - lugares, memórias e culturas, 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...**Porto Alegre: PUCRGS, 2008.1 CD ROOM. Sem paginação.

TRAINOTTI, Teresinha Salete; MENDES, Tania Maria Scuro; MARTINS, Luciane Thozeski. AS CONTRIBUIÇÕES DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino:

conhecimento local e conhecimento universal, 12., 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2004. p. 3309-3323. 1 CD ROOM.

VASCONCELOS, Geni Amélia Nader. LUZ, CÂMERA, AÇÃO! ANOTAÇÕES DE UMA PESQUISADORA DO/NO COTIDIANO SOBRE O USO DO VÍDEO. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: conhecimento local e conhecimento universal, 12., 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2004. p. 2352-2362. 1 CD ROOM.

WALKER, Maristela Rosso; TERUYA, Teresa Kazuko. TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO: O QUE DIZEM OS FUTUROS PROFESSORES. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2010. 1 CD ROOM. Sem paginação.

WEYMAR, Rogério Ramos; WEYMAR, Márcia Rejane Velleda Rodrigues. EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA: A RELAÇÃO PROFESSORES E TECNOLOGIAS. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2010. 1 CD ROOM. Sem paginação.

ZEICHNER, K. Formando professores reflexivos para uma educação centrada no aprendiz: possibilidades e contradições. In: ESTEBAN, M. T.; ZACCUR, E. (orgs.). **Professora-pesquisadora uma práxis em construção**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 25-54.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Laura Noemi Chaluh

Orientanda: Juliane Marchiori dos Reis